

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Mariah Barbosa Faria

CRIMINALIDADE E RELIGIOSIDADE: SOCIABILIDADES E PRÁTICAS

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Marcelo da Silveira Campos

Juiz de Fora
2025

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **Mariah Barbosa Faria**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número **202072156A**, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Criminalidade e religiosidade: Sociabilidades e práticas**, desenvolvido durante o período de **09/04/2025** a **27/08//2025** sob a orientação de **Marcelo da Silveira Campos**, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

CRIMINALIDADE E RELIGIOSIDADE: SOCIABILIDADES E PRÁTICAS

Mariah Barbosa Faria

RESUMO

O artigo pretende trabalhar a questão de como a religiosidade se relaciona com o crime e de que forma eles se interligam dentro das periferias brasileiras trazendo benefícios ou malefícios. A pesquisa parte da observação de que, em diversas comunidades marginalizadas, práticas religiosas convivem e, por vezes, se entrelaçam com a lógica do crime organizado. Por meio de uma abordagem com revisão bibliográfica, análise de estudos de caso, análise de dados estatísticos. Dessa forma, o trabalho investiga como igrejas evangélicas, cultos afro-brasileiros e demais manifestações religiosas interferem nas dinâmicas do tráfico.

PALAVRAS-CHAVE: Criminalidade. Religiosidade Tráfico de drogas. Periferia. Influência social.

INTRODUÇÃO

A criminalidade, especialmente o tráfico de drogas, representa uma das maiores problemáticas sociais das periferias urbanas brasileiras. Em paralelo, observa-se o crescimento e a influência de práticas religiosas nesses mesmos territórios. A religião, ao mesmo tempo em que pode atuar como agente de transformação e ressocialização, também pode ser instrumentalizada por grupos criminosos para fortalecer o controle territorial ou legitimar práticas ilícitas. O presente trabalho busca compreender a ambivalência da religiosidade no contexto do tráfico de drogas em comunidades periféricas, avaliando tanto seus efeitos positivos quanto os negativos.

A escolha desse tema foi de cunho pessoal, pois sou uma mulher negra, católica e moro em um bairro periférico de Juiz de Fora. Dentro da vivência do bairro e da religião vi por diversas vezes amigos e conhecidos se afastarem da religiosidade para entrar no mundo do crime e alguns vivendo dos dois lados. A religiosidade pode ser vista como um agente de transformação social, desenvolvendo valores de não violência e fortalecimento comunitário. Por outro lado, há casos em que líderes religiosos estabelecem alianças com o tráfico ou grupos criminosos e os mesmos se apropriam de símbolos religiosos para legitimar suas ações e impor códigos de conduta.

Procuro através da pesquisa aqui exposta, levantar apontamentos através de revisão literária, análise de dados estatísticos e estudos de caso para explorar a problemática. A compreensão desses acontecimentos é essencial para a formação de políticas públicas eficazes, de segurança e inclusão social.

O artigo está organizado em cinco seções: a primeira apresenta o contexto histórico e social da religião e das facções; a segunda sobre o impactos da violência em grande proporção; a terceira como o pentecostalismo e o neopentecostalismo adentraram no narcotráfico e se faz presente e cresce cada vez mais; a quarta, se existe e como foi realizada a conversão; e a última serão as considerações finais sobre como ajudar crianças e adolescentes em situações periféricas a não se envolver no tráfico e como ver a ajuda religiosa através da conscientização social.

1. RELIGIÕES X FACÇÕES

No estado do Rio de Janeiro pode-se perceber a mudança dentro das comunidades de forma significativa, e o artigo de Silvio Pedrosa, mostra a partir da migração de massas no século vinte, do Norte e Nordeste para o Sudeste, convertendo o meio rural para o meio urbano e através dessa circunstância acontece o que ele chama de "transição religiosa". Que nesse caso, existia a presença predominante da igreja católica na vida dos indivíduos, mas quando eles adentram no meio urbano e acabam indo para a periferia, ficando às margens da sociedade, começam a existir as dificuldades de exercer a fé dentro do templo, porque as igrejas católicas se posiciona majoritariamente em bairros de classe média/alta. Dessa forma, outras religiões vão tomando forma e sendo exercidas nas comunidades.

A pesquisadora Cristina Vital da Cunha, que constata em seu trabalho de campo nas favelas do RJ, como houve uma mudança significativa em pouco tempo, pois em 1996 existiam simbologias de santos católicos que também representavam alguns santos de religião matriz africana, principalmente São Jorge, que para os umbandista seria Ogum e que representam em ambos a justiça e a proteção mediante as batalhas e a vitória sobre os inimigos. Junto deles também havia a representação de São Cosme e Damião, que é padroeiro das crianças e conhecidos nas religiões de matriz africanas como Ibejis e junto de todas essas representações também haviam as representações em placas e faixas falando sobre os cultos de igrejas evangélicas, principalmente o pentecostais e o neopentecostais, que adentraram nas comunidades de forma significativa, pois estão sempre de “portas abertas” para o acolhimento, fazendo com que sua propagação aumente, e segundo Pedrosa ela faz com que os fiéis exerçam uma cultura própria da religião renove sua forma de vida.

“A maioria dos novos convertidos sejam predominantemente de classe baixa, devido à expansão evangélica maciça nas periferias brasileiras (ABI-EÇAB, 2011)

Por outro lado, temos as facções criminosas, distinguidas através do artigo da PUC - Rio, expondo as facções, como o CV (Comando Vermelho), que originalmente teria o nome de Falange Vermelha, criada nos anos 70, no Instituto Penal Cândido Mendes em uma ilha do Rio de Janeiro, esse comando foi criado pelos próprios presidiários por causa da opressão de viviam e por saberem que o sistema queria que eles entrassem em guerra uns contra os outros dentro da própria prisão. Porém, após a implantação das leis do comando, houve uma união para tentativas de fugas, divisão de tarefas e hierarquia, e conseqüentemente a divulgação para o lado externo, que seria dentro das comunidades sobre a união dos presidiários e suas leis, atualmente provavelmente seria maior facção criminosa e mais conhecida.

O PCC (Primeiro Comando Capital) também se originou dentro do sistema carcerário na Casa de Custódia de Taubaté no ano de 1993, a motivação para tal revolta foi o massacre dentro do Carandiru(1992), que matou pelo menos 111 presos. Assim como o Comando Vermelho, eles queriam condições melhores e se rebelaram contra o sistema prisional para conseguir fazer com que em meados do ano de 2001, houvesse rebeliões em mais de 20 presídios em São Paulo e no próximo ano, em 7 penitenciárias.

TCP (Terceiro Comando Puro) que antes era conhecido como TC (Terceiro Comando) começou a surgir em 1980, depois de seus chefes terem falecido na penitenciária Laércio da Costa Pellegrinode, conhecida como Bangu I, em uma rebelião feita por Fernandinho Beira-Mar, essa facção se redirecionou e foi renomeada como TCP, ganhando força com o comércio de substâncias ilegais e tem a hierarquia descentralizada, atualmente vem se tornando a segunda maior organização criminosa do RJ.

ADA (Amigos dos Amigos) fundada entre 1994 e 1998 dentro do sistema penitenciário carioca, fundada pelo traficante Ernaldo Pinto de Medeiros, o Uê, que era membro do Comando Vermelho, porém, foi expulso da organização após planejar e executar a morte do então líder da organização, Orlando Conceição, vulgo Orlando Jogador, Uê foi preso e dentro do presídio se uniu a José Carlos dos Reis Encina, o Escadinha, um dos fundadores e líderes do Comando Vermelho, assim como a Celso Luiz Rodrigues, o Celsinho da Vila Vintém, fundando a organização criminosa Amigos dos Amigos (ADA).

De acordo com todos esses fatos, pode-se perceber que existe uma distinção entre a religião e o crime e há conflitos entre eles, porém eles iram se encontrar mediante a necessidade das comunidades.

2 . A VIOLÊNCIA EM GRANDE ESCALA (MALEFÍCIOS)

Antes de iniciar, há uma pergunta a ser feita. O que significa a palavra violência ?

De acordo com a Wikipédia, “a **violência** é definida pela Organização Mundial da Saúde como "o uso intencional de força física ou poder, ameaçados ou reais, contra si mesmo, contra outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade, que resultem ou tenham grande probabilidade de resultar em ferimento, morte, dano psicológico, mau desenvolvimento ou privação.”

Além da descrição acima, a violência é a forma de tratativa que alguns seres humanos agem uns com os outros no decorrer da vida, principalmente quando se tratam de outras pessoas com a mesma realidade periférica porém, com pensamentos distintos. A violência está em todo lugar, basta observar.

“A violência urbana, que tem seu principal motor na desigualdade social, afeta a população marginalizada e excluída -inicialmente antes de se propagar que geralmente não tem suas necessidades básicas satisfeitas” (Galtung p.3)

Pouco tempo depois da extensão da cidade, aumentam os números de assaltos nas cidades e a polícia acaba intervindo, porém sua forma de lidar e tratar as pessoas da periferia era usando a violência, eles acreditavam que usando essa forma de opressão conseguiria respeito dentro das comunidades. No estudo de Talal Asad é incluído a visão de que a produção de dor que antes chocava a população está sendo normalizada e chocando cada vez menos. A professora Christina Vital mostra um desses casos através da ocupação policial no complexo de Acari, que pela visão dos moradores, foi a responsável pela destruição de imagens e símbolos religiosos, pois a representatividade dentro da periferia era respeitada pelos moradores, porém o estado as viam com maus olhos pelo fato de traficantes utilizarem tatuagens e cordões de São Jorge, guias de exu, houve uma “demonização” dentro da periferia associando o crime a umbanda e ao candomblé. Dessa forma as notícias que circulavam em jornais eram:

Manchete – ‘Ritual de morte no Andaraí’ – Filho de advogado é o quarto executado por tráfico em frente à imagem de Zé Pilintra. As mortes – ligadas ao tráfico de drogas e associadas à magia negra – estão sendo investigadas pela polícia (O Dia, 29/10/1996) (Alvito 2001:212).

No decorrer dessas manchetes houve destruição dos cruzeiros e tudo que representasse as religiões de matriz africana, e no lugar das simbologias, foram colocados versículos bíblicos, salmos e onde havia imagens de entidades foram incluídas imagens de Jesus Cristo (Alvito 2001). Colocando candomblé e umbanda como uma forma de ver o “mal” que seriam os traficantes que exerciam essas crenças, e o “bem” que seriam os policiais que estavam pregando Jesus como o caminho certo.

A ausência do estado de forma correta dentro do âmbito periférico abre espaço para a violência em larga escala porque existe uma falta de estrutura em todos os aspectos. Os jovens e adolescentes (em sua grande maioria negros) não tem uma educação de qualidade, tanto na parte da estrutura do colégio quanto na parte de eles conseguirem realmente frequentar as aulas. O professor Sílvio Pedrosa, relata sua experiência com um aluno de 14 anos que foi chamada a sua atenção por causa da reação dele a uma briga de colegas e ele insatisfeito deu um soco na inspetora e atribuiu ameaças com faca aos presentes, a informação circulou e logo os pais dos jovens estavam indo até a escola preocupados e sem respaldo policial, porque a polícia não atende os chamados em locais dominados pelo CV. Também existe o fato que normalmente os pais desses menores são pessoas sem condições financeiras para pagar por um bom ensino fora do lugar habitual e em sua maioria passam extrema dificuldade para se manter com o alimento e as contas de casa e manter os filhos longe dos perigos.

Pedrosa descreve que junto a vinda dos pais ao colégio, indivíduos ligados a facção criminosa local apareceram nos arredores da escola, entraram na instituição e resolveram o problema da situação com o garoto, e foram tomadas decisões através de um “tribunal” mediante o diretor para saber o que aconteceu realmente. Enquanto isso, uma mulher membro da facção discursava para os alunos que estavam saindo do colégio, dizendo que aquela situação era inadmissível e como é importante estudar.

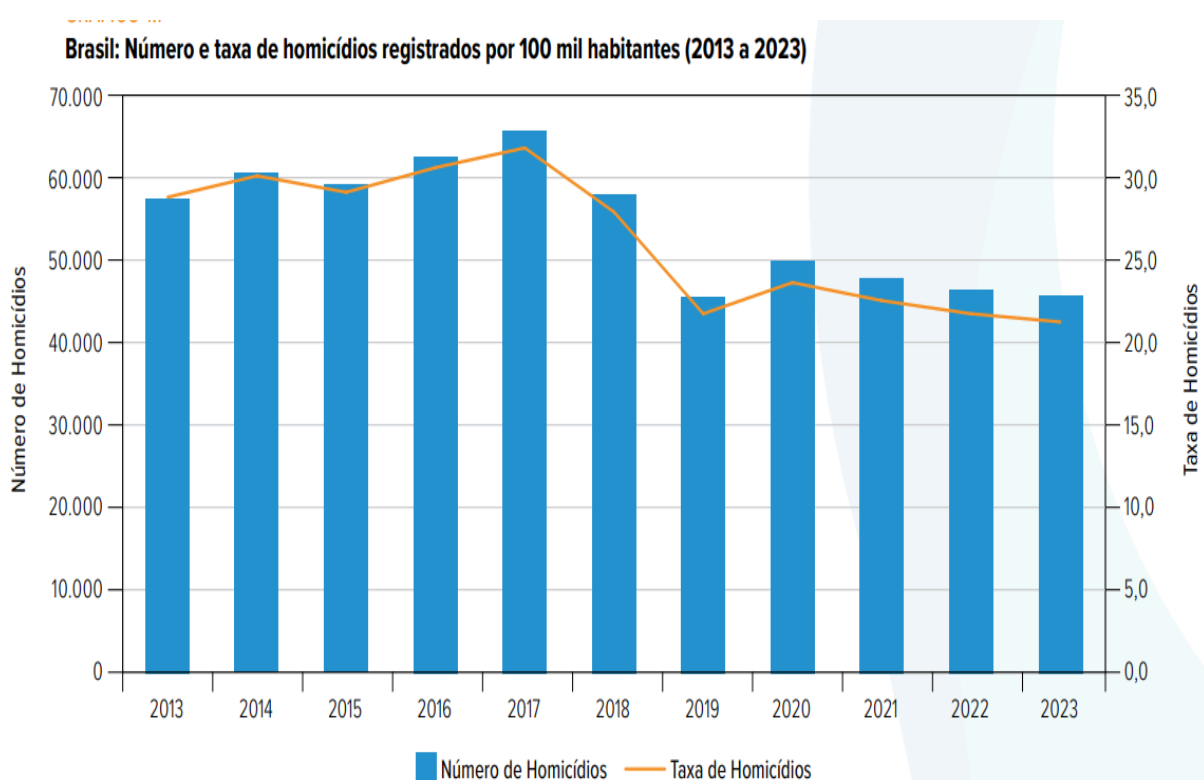
Mas no fim, infelizmente mesmo sabendo o que seria o correto a se fazer a grande maioria dos jovens que moram em nas comunidades veem o crime e o tráfico de forma diferente de quem não vive naquela realidade. Alguns deles acham que aqueles homens com armas enormes, estão fazendo o bem e os vê com bons olhos, com a ideia de valentia, mesmo que não sigam a lei, que ficam por aí fazendo “o corre”, na verdade são “os bonzinhos” e podem a ter até a admiração por eles, porque o que é passado é que aqueles homens “protegem” as favelas, eles ajudam os moradores caso falte um gás ou uma cesta básica na casa de alguém, então muitos acabam trilhando esse mesmo caminho como sua forma de identidade. Óbvio que também existem aqueles que só visam o dinheiro, seja ele para ajudar em casa, por ver a mãe passando por dificuldades ou pela vida “luxuosa” que aqueles traficantes esbanjam. Um ponto a ser percebido citado por Asad, também é a forma de enfrentar a “guerra” da violência e diferentes formas de lidar das mulheres e dos homens, mais especificamente as mães dos indivíduos tem a tendência de ir a procura de soluções religiosas de “expulsar” o mal (criminalidade) da vida de seus filhos e ela procura ajuda espiritual para a melhoria do mesmo

desde exorcismos até trabalhos de macumba. Ele mostra a situação de Leonor, que teve a ajuda pedida negada pelo pastor para ajudar sua filha a sair da cadeia por ela ser envolvida com o tráfico de drogas, ela começa a proferir trabalhos com suas entidades em segredo da sua religião para inviabilizar a prisão, e deixando claro o afincos pelos filhos.

Porém, mesmo com essas formas, o poder das facções aumenta cada vez mais, e o número de homicídios contra facções rivais, de moradores daquela favela, de policiais que tentam invadir, dos milicianos (ex policiais ou militares que criam um grupo que além de extorsão dos moradores também querem combater as facções, principalmente o comando vermelho) e até mesmo de pessoas que não tem nenhum vínculo, com toda essa situação acabam sofrendo as consequências.

No gráfico abaixo pode-se perceber que houve uma elevação significativa nos anos de 2015 a 2018 e agora com o decorrer dos anos ela diminui, porém mesmo assim continuam acontecendo diversas fatalidades.

Gráfico 1 - taxa de homicídios registrados por mil habitantes



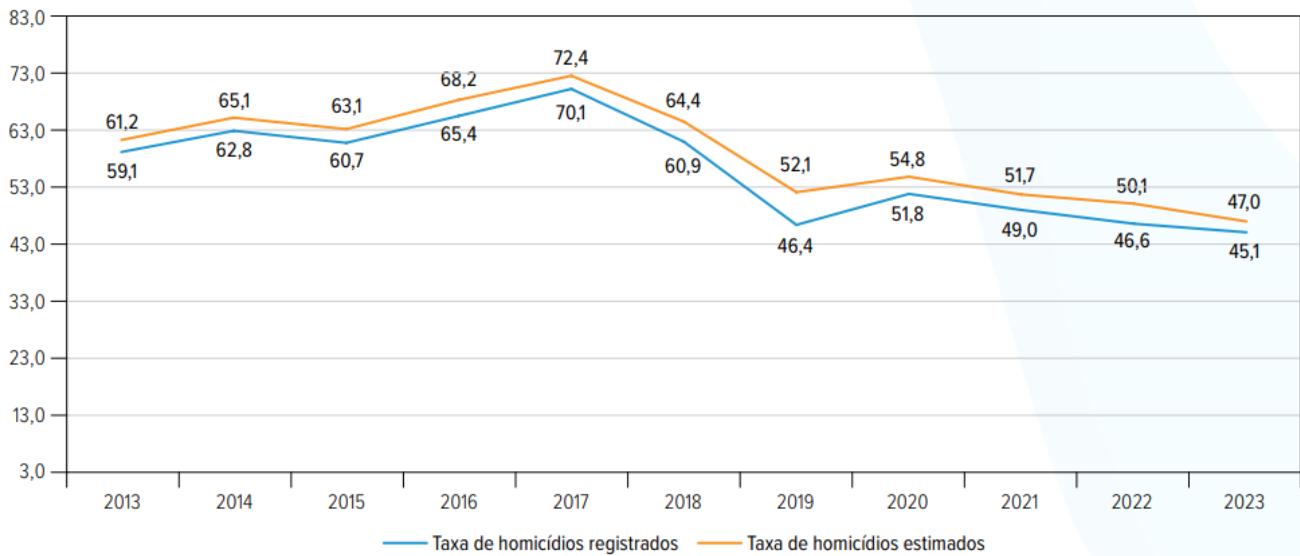
Fonte: IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADc) e MS/SVS/CGIAE - Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM). Elaboração: Diest/lpea e FBSP.

Nota: O número de homicídios foi obtido pela soma das seguintes CIDs 10: X85-Y09 e Y35 - Y36, ou seja, óbitos causados por agressão, intervenção legal e operações de guerra.

É importante mostrar também a taxa de homicídios de jovens que foram e não foram registrados no decorrer dos anos. Como mostra o gráfico abaixo:

Gráfico 2 - Taxas de Homicídios de Jovens (2013 - 2023)

Brasil: Taxa de Homicídios de Jovens: registrados x estimados



Fonte: IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADc) e MS/SVS/CGIAE - Sistema de Informações sobre Mortalidade - SIM. Elaboração: Diest/Ipea e FBSP.
Nota: O número de homicídios foi obtido pela soma das seguintes CIDs 10: X85-Y09 e Y35 - Y36, ou seja, óbitos causados por agressão, intervenção legal e operações de guerra. O número de óbitos e da população foi obtido pela soma de indivíduos de 15 a 29 anos.

3 . O PENTECOSTALISMO ADENTRA NO NARCOTRÁFICO

Mediante as explicações citadas acima sobre a religião, as facções e a violência, surge um personagem marcante para uma nova forma de tráfico de drogas dentro das comunidades .

De acordo com o jornal O Globo e o El País - Brasil, Álvaro Malaquias Santa Rosa, de 33 anos, atua como líder da facção criminosa do Terceiro Comando Capital (TCP) conhecido primeiramente como Peixão. Ele tinha sob seu comando as comunidades de Cidade Alta, Pica-Pau, e Cinco Bocas, em seguida ele conseguiu tomar as favelas de Parada de Lucas e Vigário Geral do CV, com cerca de 130.000 habitantes. Álvaro assumiu a liderança desse núcleo de favelas. Porém, depois de um tempo ele decidiu sair do mundo do crime, sem motivos aparentes e seguir a religiosidade dentro do pentecostalismo, existem até relatos da pastora Viviane Costa que alegam que ele se entregou a congregação e se tornou pastor na igreja evangélica Assembleia de Deus.

Entretanto, depois da saída de Peixão o tráfico começou a enfraquecer e ficar difícil para quem continuava, então os traficantes do TCP foram atrás de Álvaro para pedi-lo para voltar a liderança, e o mesmo depois da proposta, tece um sonho e ele se viu como representante divino de Deus na terra havia recebido um chamado divino para ele voltar ao crime e construísse um complexo de favelas e interligarem elas, para que ele comandasse de acordo com a Bíblia. Dessa forma ele voltou a atuar como chefe do tráfico, mas de acordo com o que ele acreditava que Deus enviava para ele. Logo, ele começou a proibir o crack dentro da periferia, escreveu versículos da Bíblia nos muros das comunidades, colocar estrelas de Davi por todos os lados, inclusive em cima da caixa d'água para mostrar o evangelho e agora o complexo de favelas que ele comanda tem o nome de complexo de Israel, com direito até a uma bandeira Israelense, também por causa dessa expansão do TCP, hoje em dia quando os policiais fazem batidas e conseguem apreender maconha ou cocaína pode acontecer de ser encontrada uma estrela de Davi, que simboliza a crença evangélica dos envolvidos.

“Vivam como pessoas livres. Não usem a liberdade para encobrir o mal, mas vivam como escravos de Deus. Pois cada pessoa é escrava daquilo que a domina” 1PEDRO 2.16; 2PEDRO 219B

Dessa forma os traficantes do local agora se denominam como “soldados de Jesus” e Peixão agora se denomina como Arão, por causa do antigo testamento e dentro dessa questão, o mesmo começou a se indispor com templos espíritas que tem dentro das comunidades, chegando ao ponto de destruí-las e queimá-las , se

indispôs também com a igreja católica, porque para ele a única fé dentro do complexo de Israel seria a que ele propõe, deixando a sua marca “Jesus é o dono do lugar”, através das suas exigências ficaram reclusas as manifestações de outras religiões em praças ou com grandes festas como faziam as igrejas católicas, as festas e cerimônias ficavam retidas a seus templos religiosos e os praticantes das religiões ficam receosos de ir contra a lei imposta por causa dos atos que podem ocorrer. A comandante Rita Salim, da Delegacia de Crimes Raciais e Delitos de Intolerância do Rio, relata:

"Ele consegue concretizar aquele crime sem muita resistência, já que aquele espaço é dele. Dificilmente a vítima vai chamar a polícia ou fazer um registro de ocorrência, porque fica receosa."

Há também na entrevista da teóloga Vivian Costa o relato de um pai de santo denominado Márcio de Jagun, da Coordenadoria de Diversidade Religiosa da Prefeitura do Rio de Janeiro e ele realça a visão sobre discriminação que existia desde sempre em relação a sua religião, que é um problema em todo o Brasil que só se aumenta cada vez mais;

"O preconceito por trás desses ataques é religioso e étnico, discriminando religiões de matriz africana que são demonizadas há 500 anos, com foras da lei alegando querer banir o mal em nome de Deus."

E Costa, por sua vez, relata que a religião e o crime sempre estiveram interligados independente de qual religião os pedidos de auxílio aos orixás e santos católicos eram exercidos.

"Se olharmos para o nascimento do Comando Vermelho e depois do Terceiro Comando e do TCP, a presença do catolicismo e das religiosidades afro estão ali desde a sua gênese", descreve.

"Nós vamos ver a presença de São Jorge, a presença de Ogum, os corpos fechados, as tatuagens, as guias, os crucifixos, os cultos, as velas, as oferendas. Por isso, chamar de narcopentecostalismo é reduzir essa relação tão presente, tão sólida, tão histórica e tradicional do crime com a religião."

Acreditando assim que na realidade essa é mais uma abrangência religiosa que está sendo utilizada com mais fervor no atual momento, pois antes, as entidades de matriz africana exerciam um simbolismo maior com o uso de guias de Zé pilintra e de Exú pedindo proteção aos mesmo criminosos que hoje em dia queimam e destroem os terreiros de Umbanda e Candomblé.

3. 1 - A RÉPLICA

A forma que os traficantes evangélicos do Rio de Janeiro vem agindo, tem inspirado outros complexos que há de copiá-los. Supostamente está nascendo no Rio de Janeiro um complexo de favelas que será dado o nome de Complexo de Davi. Houve a unificação das comunidades que compõem a Vila Aliança que fica em Bangú, com o Complexo da Coréia, em Senador Camará. Os homens que ficavam na linha de frente do Terceiro Comando Puro na Vila Aliança abandonaram essas diretrizes de criminalidade, e a entregaram a um homem conhecido como Sabão que faz parte do TCP fazendo com que o ambiente não seja dominado apenas por armas, mas também com ideologias religiosas.

Já começaram a aparecer pinturas com simbolismo da estrela de Davi, os salmos nas paredes, a frase “Jesus é o dono do lugar”, assim como na gestão do Peixão no complexo de Israel, houve a dominância do território e implanta um sistema ideológico de acordo com o antigo testamento da Bíblia cristã e as afrontas contra os terreiros de candomblé e umbanda estão sendo replicados.

4. A CONVERSÃO REALMENTE EXISTE?

O que é a metanoia?

Metanóia significa “mudança de visão, de olhar. Transformação do caráter, do modelo mental, da consciência, da forma de agir e de se comportar. Na teologia, conversão, arrependimento, sujeição aos mandamentos divinos; na psicologia: amadurecimento, aprendizado, cura e autoconhecimento.”

“Eu pesquisava matadores e entrevistava matadores para saber por que eles matavam. Como o assunto é muito delicado, eu passei a entrevistar ex-matadores, ex-bandidos, ex-traficantes que haviam se convertido e não tinham problema em falar sobre o passado, porque até [isso] dimensionava o tamanho do milagre da transformação na vida deles a partir de Deus e desse processo de metanóia. E aí, a partir dessas conversas, eu comecei a colecionar uma série de histórias pessoais de transformação”

No livro *A fé e o Fuzil: Crime e religião no Brasil do século XXI* escrito por Bruno Paes Manso, ele explora o crescimento da fé em relação às igrejas evangélicas em São Paulo e a partir disso ele conta a história de Marcelo Vitor de Souza, um homem negro periférico, que vendia crack, não tinha apoio familiar de forma geral, tinha dificuldades para ler por não ter ido a escola, ele era cego do olho direito por ter levado um tiro, cicatrizes na cabeça e na barriga adquiridas pelo tempo que entrou no mundo do crime, mas em 1994 ele se converteu à fé evangélica após sofrer um atentado e acabou se tornando um missionário na igreja Quadrangular e sempre dava seu testemunho de vida para quem estivesse na igreja, mostrando como houve um grande milagre em sua vida, principalmente por estar vivo.

Manso também conta a história do tenente Pereira, homem branco, que era um policial militar, nasceu na capital paulista e vinha de família de classe média e ele havia sido condenado por execução de suspeitos durante o trabalho, ele se formou na academia muito jovem e foi se envolvendo e se corrompendo, acreditando que quanto mais traficantes ou pessoas que haviam praticado qualquer tipo de crime deveria ser punida com a morte para poder deixar a cidade mais segura. Em 1995 ele aceitou o convite dos evangélicos para ir a um culto e começou a se ver de outra forma e começou a frequentar os cultos semanalmente e as aulas de estudo bíblico e obteve um milagre através da revelação divina.

O que ambos haviam de semelhança a violência que acreditavam ser a solução para os problemas da sociedade. Marcelinho se inclinou ao crime por falta de recurso e de orientação, já Pereira se reclinou porque era dessa forma que a polícia agia, acreditando que a violência é a melhor solução, é a única forma de impor respeito e que bandidos não tinham salvação e nem recuperação, por isso deveriam ser eliminados.

“Apenas Deus pode tirar e dar a vida. Tire as letras D e S da palavra Deus e ela se transforma em Eu. Eu havia me transformado em Deus, com poder sobre a vida e a morte (MANSO 2023 p.40)

Entretanto, havia mais experiências em comum entre eles, que seria a vivência da experiência divina e o contato com sagrado, o ato da conversão deles é muito semelhante, são pessoas distintas, sem conhecimento uma da outra que viveram a Metanóia, a mudança de visão do mundo e de si mesmo, a compreensão que a violência, a opressão, a necessidade de ser aceito e respeitado por pessoas de fora não eram mais essenciais em suas vidas. O militar até mesmo compara o ser humano a um liquidificador que só consegue funcionar se houver um manual de instruções e sem ele o liquidificador não funciona ou queima por falta do manual, e ainda afirma:

“Com o homem é a mesma coisa. O homem foi criado por Deus. E Deus deixou um manual, a sua tendência é ser destruído. Era o meu caso. Eu não lia o manual e fiquei ligado numa tomada de 220 volts” (MANSO p. 43)

Afirma que quando saiu da cadeia começou a frequentar a igreja batista no centro de São Paulo, e vivia sua vida de convertido e bem feliz e animado dentro da religião.

Por outro lado, também existe a pesquisa campo de Cunha, que entra em contato com a história de Jeremias (nome fictício), um antigo morador que assumiu o comando do tráfico após a morte de outro líder e a prisão de seu parente (também envolvido no crime) Cy de Acari. Ele controlava a distribuição de drogas e começou a abranger novos territórios, reconhecido como chefe do Terceiro Comando no Rio de Janeiro. O

excesso de violência que aconteceu nas prisões cariocas em 2001 teve repercussões na organização do tráfico em Acari e Jeremias saiu da favela foragido, junto com sua família, em uma favela na Zona Oeste da cidade do Rio e lá começou a frequentar os cultos se convertendo na Assembleia de Deus dos Últimos Dias e alguns moradores entrevistados relatam:

“Sabe, eu virei pra ele e falei pra ele, né? Ele tava com um fuzil na mão, eu falei assim: ‘Ô, você quer falar comigo, você tira isso da mão e dá pra outra pessoa. Fica desarmado’. Aí ele fez e eu falei: ‘Quando é que você vai trocar essa arma por uma dessa?’. Aí mostrei a Bíblia pra ele e ele virou pra mim e falou assim: ‘Ô, eu tenho subido os montes’. Eu falei: ‘Então vamos fazer um trato? Você caminha, eu vou orar e Deus vai fazer a parte dele que é te salvar’. Daí pra lá eu comecei a orar por ele.” (Pedrosa, 2021)

Algum tempo depois de estar convertido e de ter saído do comando do tráfico em Acari, Jeremias foi preso no ano de 2004. Sua prisão foi anunciada como a do mais procurado líder do tráfico de drogas, depois de um tempo cumprindo pena, e não voltou mais a morar em Acari.

No decorrer do texto a religião pentecostal e neopentecostal foram citada de forma crítica, porém ela tem sua vertente de bondade, até porque é constatado que mais de 30% da população segue a doutrina evangélica e a tendência é só aumentar com o decorrer dos anos. Pedrosa aponta que com o passar do tempo os pobres e minoritários das periferias serão quase que “indissociáveis” da religião evangélica. Ele nota que dentro das igrejas pentecostais/neopentecostais existe uma grande expansão de territórios dos templos, fazendo com que elas sejam cada vez mais acessíveis, e um fator crucial que chama a atenção seria o acolhimento de todas as pessoas, principalmente aos marginalizados, aos negros, aos pardos, os imigrantes, todos tem a mesma forma de acolhimento e estão aptos a receber doações ou qualquer forma de ajuda que for necessária vinda dos cristãos daquela igreja, que faz a pessoa criar um vínculo e querer permanecer.

5. CONCLUSÃO

No decorrer da leitura deste material pode-se perceber como a violência, a periferia, o crime e até mesmo religião estão interligados de uma forma que muitas pessoas desconhecem. Aqui no Brasil a tendência das pessoas de periferia ou não, é acreditar que o problema é apenas a existência de facções criminosas e da implantação delas em todos os lugares, mas a situação vai além da facção criminosa, porque também é um crime a forma que a polícia trata as pessoas da periferia, e um descaso do Estado perante a população carente.

Como não há ação do estado, as facções criminosas e as religiões acabam colidindo para o auxílio dos moradores, como por exemplo, no caso do garoto de 14 anos citado por Pedrosa, aquela foi uma ação mediadora do crime organizado:

“A experiência aqui narrada revela a posição da facção criminosa como reguladora da violência, fazendo as vezes de polícia e do próprio judiciário, chegando a, de certa forma, compartilhar com a burocracia administrativa da secretaria municipal de educação a formulação de uma solução para o caso. Da mesma forma um certo padrão de relação dos moradores com os traficantes e sua organização é descortinado, demonstrando como esses últimos passam a figurar como alternativa legítima a quem recorrer diante de um conflito (que naquele caso era violento e potencialmente trágico)”. (Pedrosa, 2021)

Em diversas comunidades, os moradores têm algum tipo de auxílio vindo do tráfico, seja porque falta comida nas casas, seja a dificuldade para ter água, porque o governo não fornece saneamento básico para diversas áreas periféricas. Muitas igrejas pentecostais dentro de grandes favelas, ajudam as pessoas também na situação básica de higiene e tentam auxiliar para que elas não se desviem para o uso e venda de drogas. Eles fazem um trabalho de evangelização de jovens para a conversão, fazendo cultos com temáticas diferentes, e relatando dentro deles a mudança de pessoas que viviam do crime e foram “libertos”, para que sirvam de exemplo de fé, mostrando o quanto a religiosidade mudou sua vida e seus princípios, para que os jovens não

entrem no mundo do tráfico ou do crime de qualquer que seja a forma. A interligação do tráfico e da religiosidade fica nítida também mostrando Christina foi tirar as fotos para seu trabalho de campo no complexo de Acari e sem querer tirou foto de dois traficantes, que em seguida começaram a segui-lá, porém ela ouviu um deles cantando um louvor e logo associou que não poderia ser um meliante, por causa do louvor que estava cantando, mas na realidade ele seria mais um dos “traficantes evangélicos” daquela comunidade. A tendência dessas igrejas evangélicas é aumentar cada vez mais para dentro das periferias, porque lá é onde eles consideram que mais necessita de Deus por causa de toda a dificuldade que todos ali passam e Pedrosa também mostra que essas questões vinculam a ascensão dos evangélicos enquanto força política, social, cultural e demográfica no Brasil, mesmo isolados em diferentes denominações, a acessão ao protestantismo em suas diversas matrizes se tornou possível naquele que está em via de deixar de ser o maior país católico do mundo.

Os estudos denominam de forma geral, que a junção desses dois “extremos” foi essencial para a periferia brasileira, visto no estudo de Pedrosa, na facilitação de se locomover na comunidade com a ajuda de um professor que também era pastor e foi criado na região, os garotos o respeitavam, e Silvio alega que sem ele seria inviável estar presente no local para lecionar. Cunha mostra que Jeremias, chefe do tráfico de Acari, se converteu, indo à igreja evangélica e influenciou a experiência da fé aos demais traficantes que viriam depois dele, refazendo também as estratégias de ação e punição dos traficantes, como diz o entrevistado Cacau:

“Muita coisa que acontece aqui e era para tomar atitude mais drástica e eles não tomam. Prefere deixar [de castigo] em casa. Que nem tem um menino aí, que faz umas besteiras aí para tomar uma coça, até mesmo de morrer ... negócio de fumar crack e ficar roubando a casa dos outros. Aí os meninos aqui mesmo vai e pega, entrega na mão da família: ‘Ô, teu filho roubou aquilo ali, vocês têm que pagar. Se não tiver a gente vai e paga’. Aí vai na casa do morador e vê o que sumiu, bota no lugar as coisas. Ao invés de cobrar dando uma coça, entrega na mão da família e pede para pagar o que foi tirado de dentro da casa. Muda muito porque vai na igreja...” (Cunha, 2014)

Enfim, Existem diversas camadas de sociabilidade vistas mediante ao estudo da religiosidade dentro da periferia, a religião se tornou um parte da vida cotidiana fazendo que por diversas formas ou vertentes haja sua participação até mesmo na moldura de caráter ou uma “renovação de vida”, participando de instâncias públicas e se conservando nas memórias dos indivíduos com suas ideias de quanto maior a experiência de “quase morte” a ser mostrada, como a de Marcelinho no livro de Paes, maior é o seu milagre e assim acontecem as divulgações da vivência religiosa evangélica, fazendo com que ela esteja em constante divulgação e ação mediante a sociedade.

MANSO, Bruno. **A fé e o fuzil: Crime e religião no Brasil do século XXI**. 1. ed. Todavia/2023

ABI-EÇAB, Alice. “Religião e violência na periferia de São Paulo”. Revista Anagrama, vol. 5, pp. 7610-7052, 2011.

Lebo Diseko e Júlia Dias Carneiro: **A expansão pelo Brasil dos traficantes que se veem como “soldados de Jesus”**

<https://www.bbc.com/portuguese/articles/ce8nwrp253jo>

PUC - Rio - A origem do crime organizado no Brasil

https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/21215/21215_3.PDF

ALESSI, Gil. A ascensão do “narcopentecostalismo” no Rio de Janeiro - São Paulo. 2021

<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-03-27/a-ascensao-do-narcopentecostalismo-no-rio-de-janeiro.html>

Vital da Cunha,Christina. Religião e criminalidade: traficantes e evangélicos entre os anos 1980 e 2000 nas favelas cariocas

<https://www.scielo.br/j/rs/a/X9QKnjTzsfjCNdnLQDzpMj/?format=pdf&lang=pt>

PEDROSA, Silvio. Cristianismo evangélico, sociabilidade violenta e periferia no Rio de Janeiro: algumas considerações - Santiago dic. 2021

https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-71812021000200475#aff1

SALLES, Silvana. Da metanoia à mão invisível: livro discute como a religião se cruza com a milícia e o crime - 2023

<https://jornal.usp.br/diversidade/da-metanoia-a-mao-invisivel-livro-discute-como-a-religiao-se-cruza-com-a-milicia-e-o-crime/>